

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE MANAUS-EEM

LETÍCIA DO NASCIMENTO FREIRE

PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE A
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

MANAUS-AM

2024

LETÍCIA DO NASCIMENTO FREIRE

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE A
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como condição parcial para aprovação. Universidade Federal do Amazonas, Escola de Enfermagem de Manaus, Graduação em Enfermagem.

ORIENTADORA: Profª Dra. Maria Suely de Sousa Pereira

MANAUS-AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F866p Freire , Letícia do Nascimento
Percepção dos estudantes de enfermagem sobre a violência obstétrica: uma revisão integrativa / Letícia do Nascimento Freire .
2024
29 f.: 31 cm.

Orientadora: Maria Suely de Sousa Pereira
TCC de Graduação (Enfermagem) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Violência obstétrica. 2. Saúde da mulher. 3. Violência contra a mulher. 4. Conhecimento. I. Pereira, Maria Suely de Sousa. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM
SOBRE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão
de Curso II como condição parcial para aprovação.
Universidade Federal do Amazonas, Escola de Enfermagem
de Manaus, Graduação em Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Suely de Sousa
Pereira

Aprovado em: 25/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Suely de Sousa Pereira - UFAM
Orientadora

Prof. Dra. Lisbeth Lima Hansen - UFAM
Avaliadora

Prof. M.e. Alessandra Pinheiro Vidal - UFAM
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir viver essa experiência

Aos meus pais pelo apoio

À minha orientadora, por ter me guiado

Às minhas companheiras de jornada, pela caminhada

RESUMO

Introdução: A violência obstétrica é qualquer conduta, ato ou omissão por profissional de saúde, tanto em público como privado, que direta ou indiretamente leva à apropriação indevida dos processos corporais e reprodutivos das mulheres, e se expressa em tratamento desumano, no abuso da medicalização e na patologização dos processos naturais, levando à perda da autonomia e da capacidade de decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, impactando negativamente a qualidade de vida de mulheres. Diante disso, cabe aos acadêmicos de enfermagem, futuros profissionais, estarem bem-informados sobre a violência obstétrica, uma vez que são futuros profissionais. **Objetivo Geral:** Relatar a percepção de estudantes de enfermagem sobre a violência obstétrica: Uma revisão integrativa. **Métodos:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa. A pergunta de pesquisa foi elaborada a partir da estratégia PICO, utilizada para a especificação dos requisitos necessários na pergunta norteadora. Para a responder a questão norteadora foram realizadas buscas sistemáticas nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Embase. Critérios de inclusão: estudos publicados no período de 2018 a 2023, nos idiomas inglês e português, classificadas como originais e indexadas nas bases de dados selecionadas. Critérios de exclusão: Editoriais, anais de congresso, cartas ao editor, diretrizes, manuais oficiais, artigos de reflexão, artigos de revisão, capítulos de livro, dissertações, teses, relatos de experiência e artigos em outros idiomas serão excluídos desta revisão. **Resultados:** Os principais resultados obtidos por meio dessa revisão foram que os estudantes de enfermagem obtém, em geral, uma percepção do que é a violência obstétrica, contudo esse conhecimento se caracteriza como muito superficial, o que impede a prevenção e combate efetivos. **Conclusão:** Tendo em vista o cenário de pouco conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre VO, e por isso ineficiente no combate a essa violência, uma reformulação no contexto de ensino na graduação é defendida pela literatura, que afirma a necessidade de aulas mais aprofundadas sobre os temas que envolvam a violência obstétrica e que contribuam para seu combate como direitos das mulheres e a condução fisiológica do parto.

Palavras-Chaves: Violência obstétrica; Saúde da mulher; Violência contra a mulher; Conhecimento.

ABSTRACT

Introduction: Obstetric violence is any conduct, act or omission by a health professional, whether in public or private settings, that directly or indirectly leads to the misappropriation of women's bodily and reproductive processes, and is expressed in inhumane treatment, abuse of medicalization and pathologization of natural processes, leading to the loss of autonomy and the ability to freely decide about their body and sexuality, negatively impacting women's quality of life. Therefore, it is up to nursing students, future professionals, to be well-informed about obstetric violence, since they are future professionals. **General Objective:** To report nursing students' perceptions of obstetric violence: An integrative review. **Methods:** This study is an integrative review. The research question was developed based on the PICO strategy, used to specify the necessary requirements in the guiding question. To answer the guiding question, systematic searches were carried out in the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and Embase databases. Inclusion criteria: published between 2018 and 2023, in English and Portuguese, classified as original and indexed in the selected databases. Exclusion criteria: Editorials, conference proceedings, letters to the editor, guidelines, official manuals, reflection articles, review articles, book chapters, dissertations, theses, experience reports and articles in other languages will be excluded from this review. **Results:** The main results obtained through this review were that nursing generally obtains a perception of what obstetric violence is, however, this knowledge is characterized as very superficial, which prevents effective prevention and combat. **Conclusion:** Given the lack of knowledge among nursing students about OV, and therefore ineffective in combating this violence, a reformulation in the context of undergraduate teaching is advocated by the literature, which affirms the need for more in-depth classes on topics involving obstetric violence and that contribute to combating it as women's rights and the physiological management of childbirth.

Keywords: Obstetric violence; Women's health; Violence against women; Knowledge.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVOS.....	9
2.1. Objetivo Geral.....	9
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	10
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	12
5. RESULTADOS.....	14
6. DISCUSSÃO.....	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

O tema da violência obstétrica vem crescendo nas discussões a partir da segunda década do século XXI, como pauta de diversos estudos, amostra artísticas, e até mesmo de instâncias do Ministério Público (Ciello, 2012; Diniz et al, 2015).

A violência obstétrica é apropriação indevida dos processos corporais e reprodutivos das mulheres por profissionais de saúde, que é revelada por meio de tratamento desumano, no abuso da medicalização e na patologização dos processos naturais, levando à perda da autonomia e da capacidade de decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, implicando de forma negativa na qualidade de vida de mulheres (Lei Orgânica sobre os direitos das mulheres, 2007).

O desrespeito e maus-tratos durante o parto podem ter consequências adversas para a mãe e para o bebê (Zanardo, GLP et al 2017), agravadas pela falta de informações e o medo de perguntar sobre os processos que irão ser realizados na evolução do trabalho de parto (García, Díaz e Costa, 2013), desse modo, essas mulheres podem habituarem-se com a exploração de seus corpos por diferentes pessoas e assim, aceitarem diversas situações incômodas sem reclamar (Zanardo, GLP et al, 2017).

Assim, é necessário que não só as mulheres que passam pela experiência do parto, como também os profissionais e acadêmicos das diversas áreas de saúde, possam estar bem-informados sobre a violência obstétrica, que se configura como categorias: Abuso físico, que envolve a realização de procedimentos sem justificativa; Imposição de intervenção não consentidas ou aceitas com base em informações parciais ou distorcidas, como a realização de episiotomia em mulheres que verbalmente ou por escrito não autorizaram; Cuidado não confidencial ou não privativo, como maternidades com enfermarias de trabalho de parto coletivas, muitas vezes sem separação dos leitos por biombos; Cuidado indigno e abuso verbal, formas de comunicação desrespeitosa com as mulheres; Discriminação baseada em certos atributos, como, por exemplo, tratamento diferencial com base em atributos considerados positivos como ser casada ou ter uma gravidez planejada; Abandono, negligência ou recusa de assistência às mulheres que são observadas como muito “ queixosas”; Detenção nos serviços, que envolve, por exemplo, situações como pacientes ficarem retidas até que suas dívidas sejam sanadas (Bowser & Hill, 2010; Tesser et al, 2015;). Tudo isso não é novo e já vem acontecendo há muito tempo.

Nesse cenário, uma pesquisa recente coloca que o papel da universidade deve envolver a capacitação técnica apenas como uma parte da formação acadêmica, uma vez que a técnica e a ciência sem a ética e consciência produzem ainda mais destruição do que dignidade. Nesse sentido, formar profissionais conscientes e produtivos para a cidadania e justiça social, minimizando a ocorrência de violências como a obstétrica, é a responsabilidade social da universidade (Sobrinho;2018).

Dito isso, uma das formas de prevenção à VO apontadas pelas pesquisas é uma reestruturação na formação acadêmica, de maneira que envolvam de forma mais robusta sobre temas como os direitos das mulheres ou assistência fisiológica ao trabalho de parto e parto, para que dessa forma haja um ambiente de ensino e assistência humano (Jardim; Modena; 2018).

A importância da temática trabalhada por meio deste trabalho consiste em, ao reunir as informações do cenário da violência obstétrica atualmente e discuti-las, facilitar o caminho trilhado pela comunidade acadêmica e científica em compreender e elaborar medidas eficientes de prevenção e combate a esse tipo de violência.

Diante dessa importante temática que é a violência obstétrica, esse estudo tem como pergunta principal, “Quais as evidências disponíveis acerca da percepção dos estudantes de enfermagem sobre a violência obstétrica?”

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Relatar a percepção dos estudantes de enfermagem sobre a violência obstétrica: uma revisão integrativa.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A violência obstétrica se caracteriza pela prática, a partir de profissionais da saúde, de relações desumanizadoras, exagero de medicamentos e patologização de processos naturais, em um cenário de apropriação do corpo feminino. Essas ações violam os direitos das mulheres e ameaçam sua vida e bem-estar, bem como o nascimento saudável do recém-nascido (Fiocruz, 2023).

Os tipos de violência obstétrica são: tricotomia, enemas, episiotomia, amniotomia, indução das contrações uterinas, manobra de kristeller, proibição da presença de acompanhantes, negação de alimentação, restrição de movimentos, mau e baixo uso de dispositivos benéficos como o partograma, humilhações verbais, assédios, ameaças, cesáreas sem indicação correta, negligências, medicalização excessiva e adoção de práticas sem embasamento científico (Ferreira, Gonçalves, 2020)

O contexto da violência obstétrica envolve discriminação de gênero, uma vez que as ações de abuso alimentam-se da visão de subordinação feminina pregada pela sociedade, o que diminui seu poder de decisão e a torna submissa em uma processo tão específico do corpo feminino (Trajano; Barreto; 2021) .

As teorias que regem a institucionalização do processo de parto se autodenominam subjetivas, utilizando o discurso da naturalidade, contudo, estão impregnadas pelas normas masculinas que regem a cultura e política além da moral e poder. Estas tornam invisíveis a violência incrustada e naturalizada contra as mulheres sob o visão misógina (Ferreira, Gonçalves, 2020).

No Amazonas, a violência obstétrica ocorre em instituições privadas e públicas, sendo, mais prevalente nesta última com 88,4% dos ocorridos. Essa violência é praticada, em sua maior parte, por médicos e enfermeiros, sendo mais frequente agressão/humilhação verbal, que retrata comportamentos como tratamento rude, ameaçador, gritos e repreensão, seguido por proibição do acompanhante (Martins et al, 2022).

Nesse cenário, apesar de não existe uma lei federal que regulamente o combate da violência obstétrica em si, existem leis como a Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005, de âmbito federal (Brasil, 2005) , que garante o direito à presença de um acompanhante e, em âmbito estadual, a Lei 4.848, de 05 de junho de 2019 do Estado do Amazonas, sancionada com o

objetivo de fornecer mecanismos de combate à violência obstétrica tanto nas redes públicas quanto privadas, que traz condutas consideradas violência obstétrica, descreve em seus artigos a regulamentação das condutas dos profissionais de saúde e da instituição (Lei nº 4.848, de 5 de junho de 2019).

Tendo em vista que o tema VO perpassa várias camadas da sociedade até de fato ocorrer, quando se encara o contexto acadêmico, a falta de conhecimento com relação aos equipamentos disponíveis para denúncia e legislação vigente no combate da VO por parte de acadêmicos de enfermagem evidenciado por um estudo revelam o pouco aprofundamento sobre o tema nas universidades (Ramos;2020), e a baixa compreensão revelada acerca da violência obstétrica por estudantes de saúde, dentre eles os de enfermagem, mostra que a VO ocorre de forma protocolizada pela unidade de saúde como acesso periférico e raspagem pública, o que expressa que a VO, nessa dimensão, é mais “normalizada” (Tudela et al 2022).

Diante desse contexto, a necessidade de uma reestruturação e fortalecimento da temática de violência obstétrica na formação acadêmica observada pela comunidade científica é uma das formas de combater esse cenário, uma vez que a universidade tem sido a primeira porta de diálogo sobre esse tema com os futuros profissionais. Maior contato com esse tema tanto por meio de exposições teóricas mas também maior vivência nos setores de ginecologia e obstetria possibilitam a mudança de percepção de acadêmicos da área da saúde . Contudo, o cenário atual é que na maioria das universidades a carga horária destinada a essa problemática não é suficiente para gerar o conhecimento necessário à mudança desse ciclo de violência (Gomes, Simões, Pires, Machado, Rodrigues; 2022).

4. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa, descrita como um método de pesquisa que visa sintetizar resultados obtidos em pesquisas em relação a um tema, de modo ordenado e amplo, constituindo-se assim um corpo de conhecimento (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014).

A etapas que compõe o estudo são: (I) identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa; (II) estabelecimento de critérios para a inclusão e exclusão de estudos / amostragem ou busca na literatura; (III) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos; (IV) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; (V) interpretação dos resultados; (VI) apresentação da revisão/síntese do conhecimento; (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

A pergunta de pesquisa foi elaborada a partir da estratégia PICO, utilizada para a especificação dos requisitos necessários na pergunta norteadora, em que o “P” refere-se a população/pacientes; o “I” a intervenção; o “C”, a comparação; o “O” a *outcome*, que traduzido, significa resultado (Santos;Galvão, 2014). Com base nisso, obtivemos que: **População/paciente(P)**: estudantes da área da saúde; **Intervenção (I)**: violência obstétrica; **Controle (C)**: não tem; **Resultado (O)**: percepção sobre a violência obstétrica.

Dessa forma, a pergunta norteadora para a condução da revisão integrativa foi: **“Quais as evidências disponíveis acerca da percepção dos estudantes de enfermagem sobre a Violência Obstétrica ?”**

Para a responder a questão norteadora foram realizadas buscas sistemáticas nas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Embase. Contudo, descobriu-se escassez e duplicidade de artigos com relação ao tema escolhido, portanto, optou-se pelas bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) e Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), em que se obteve resultados mais satisfatórios. **Critérios de inclusão:** Estudos publicados no período de 2018 a 2023, nos idiomas inglês e português, classificadas como originais e indexadas nas bases de dados selecionadas. **Critérios de exclusão:** Editoriais, anais de congresso, cartas ao editor, diretrizes, manuais

oficiais, artigos de reflexão, artigos de revisão, capítulos de livro, dissertações, teses, relatos de experiência e artigos em outros idiomas serão excluídos desta revisão.

As buscas por esses artigos foram realizadas por dois revisores nas bases de dados selecionadas. No processo de seleção das publicações foram considerados os descritores: Obstetric Violence; Students, Nursing; Sendo pertencentes ao Descritores em Ciências da saúde (DeCS), e ao Medical Subject Headings (MeSH).

Com a finalidade de atender aos objetivos do estudo foi necessário confeccionar estratégias utilizando o operador booleano “AND” para busca, de forma a limitar a busca. Utilizou-se a seguinte estratégia de busca: Obstetric violence AND students, nursing.

5. RESULTADOS

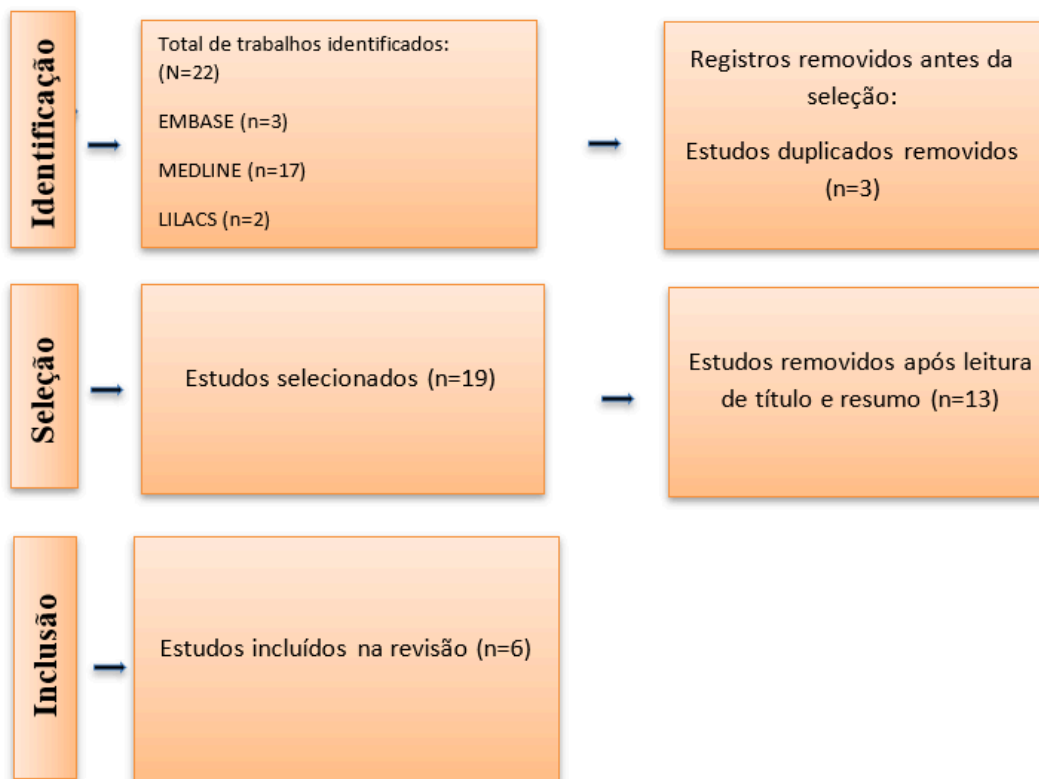
A partir do cruzamento de dados durante a busca nos bancos de dados resgataram-se 22 trabalhos (Embase=3, MEDLINE=17, LILACS=2). Em seguida, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos artigos para a seleção e inclusão de acordo com o demonstrado na figura 1.

Destes, apenas 6 foram selecionados para a leitura na íntegra e, posteriormente, incluídos na revisão integrativa sendo: 3 da Embase, 1 da MEDLINE, e 2 da LILACS. Portanto, somente 6 artigos foram selecionados para responderem à pergunta norteadora desta revisão integrativa, uma vez que atenderam aos objetivos e critérios propostos.

Destes, 67% foram realizados na Espanha e 33 % no Brasil. Referente aos anos de publicação, o ano de 2020 equivale a 50%, 2022 com participação de 33% e o ano de 2023 com 17%.

Com relação aos tipos de estudos incluídos nesta revisão, obteve-se 32% de estudos descritivos e obtiveram igualdade de participação com a porcentagem de 16 % os tipos: estudo de teoria fundamentada construtivista; estudo transversal; estudo quase experimental; Desenho instrumental; A tabela 1 mostra os dados das publicações e resume os resultados dos estudos incluídos nessa revisão.

Figura 1- Fluxograma relativo às etapas de seleção dos artigos, Manaus – AM, 2023.



Fonte: autoria própria

A tabela 1 mostra os dados das publicações e resume os resultados dos estudos incluídos nessa revisão.

Tabela 1. Caracterização dos artigos segundo título, ano, autor, objetivo e principais resultados, Manaus, 2023.

TÍTULO	AUTOR	MÉTODO	OBJETIVO	RESULTADOS
--------	-------	--------	----------	------------

<p>Experiences with obstetric violence among healthcare professionals and students in Spain: A constructivist grounded theory study</p>	<p>MENA-TUD ELA, D et al ; 2023.</p>	<p>Teoria Fundamenta da Construtivist a.</p>	<p>Explorar a informação e o conhecimento atuais sobre a violência obstétrica no contexto da saúde espanhola, bem como desenvolver um modelo teórico para explicar o conceito de violência obstétrica, com base nas experiências dos profissionais de saúde (parteiras, enfermeiras, ginecologistas e pediatras) e estudantes de enfermagem.</p>	<p>Revelaram que os alunos reconhecem a violência obstétrica como violação dos direitos humanos e problema de saúde pública. Por meio dos alunos também foram descritas algumas características e estratégias preventivas. As participantes entenderam a VO como violência de gênero. Por fim, os resultados também demonstraram que experiências influenciam no processo de assimilar novas informações sobre VO a um conhecimento existente.</p>
<p>Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos</p>	<p>SILVA, T et al ;2020.</p>	<p>Descritivo</p>	<p>Construir o Discurso do Sujeito Coletivo de Enfermeiros pós-graduandos em Enfermagem Obstétrica sobre a violência obstétrica.</p>	<p>Os “futuros” enfermeiros obstétricos afirmaram ser de grande valia a abordagem da violência obstétrica na formação desses futuros especialistas, visando um cuidado humanizado, para que possam ser enfermeiros obstétricos qualificados ao ponto de obter uma relação harmônica com a paciente, com uma assistência que prevê riscos e previne complicações, fornece orientações acerca dos procedimentos que serão ou podem ser realizados e seus direitos, e, sobretudo, a</p>

				<p>presença do conhecimento científico que endossa boas práticas assistenciais.</p> <p>Além disso, foi citado pelos estudantes a importância da valorização desses profissionais, e também melhor estrutura de trabalho no SUS, para que assim possam oferecer uma assistência com maior qualidade.</p>
Changes in health sciences students' perception of obstetric violence after an educational intervention	MENA-TUD ELA, D et al ; 2020.	Quase experimental	Avaliar a percepção de estudantes de ciências da saúde sobre a violência obstétrica e identificar possíveis mudanças após uma intervenção educativa.	<p>Antes da intervenção, procedimentos considerados VO foram incluídos no instrumento e a maioria somente reconheceu um deles como sendo VO, revelando a falta de conhecimento das boas práticas atuais.</p> <p>As mulheres, que eram maioria na amostra, desde o início tiveram maior percepção em relação a VO.</p> <p>Conforme maior avanço no curso de saúde, ocorreu a normalização da VO e também em mulheres que haviam engravidado ou dado a luz.</p>

<p>Perception of obstetric violence in a sample of Spanish health sciences students: A cross-sectional study</p>	<p>MENA-TUD ELA, D et al ; 2022.</p>	<p>Transversal</p>	<p>Avaliar a percepção de estudantes de ciências da saúde sobre a violência obstétrica</p>	<p>A partir do questionário PercOV-S, indicou-se percepção moderada de violência obstétrica. A Violência obstétrica visível protocolizada revelou-se mal percebida, enquanto a invisível não protocolizada mostrou-se consideravelmente percebida. Além disso, os alunos de obstetrícia e enfermagem relataram maior percepção da violência obstétrica do que os de medicina.</p>
<p>Design and Validation of the PercOV-S Questionnaire for Measuring Perceived Obstetric Violence in Nursing, Midwifery and Medical Students</p>	<p>MENA-TUD ELA, D et al ; 2020.</p>	<p>Desenho instrumental</p>	<p>Construir e validar um instrumento (o PercOV-S, Percepção da Violência Obstétrica em Estudantes) que possa avaliar a percepção de estudantes da área da saúde sobre determinadas práticas relacionadas à violência obstétrica.</p>	<p>O instrumento construído possui alto grau de confiabilidade e validade interna. Os estudantes demonstraram, por meio do instrumento utilizado, que os do sexo feminino tem maior percepção de VO do que os de sexo masculino, as alunas de obstetrícia tiveram maior domínio sobre o tema, contudo, o artigo afirma que apesar de terem uma certa percepção sobre a VO, não significa que eles estão aprendendo a lidar com ela, e analisando fatores como os sociodemográficos, percebeu-se a normalização</p>

				da VO.
Nursing students' knowledge about obstetric violence	RAMOS, T et al; 2020.	Descritivo	Avaliar o conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre Violência Obstétrica.	Os alunos demonstraram ter um conhecimento sobre a VO, ainda que superficial, pois desconhecem elementos como aspectos epidemiológicos , legislação brasileira atual sobre a VO e as instâncias disponíveis para denúncia.

Fonte: Autoria Própria, 2024

6. DISCUSSÃO

Um dos aspectos mais comuns nas ciências da saúde, sobretudo na enfermagem, é o da feminilização, em que 70% dos trabalhadores nas ciências da saúde são mulheres e 80% na enfermagem e obstetrícia (Boniol et al; 2019).

Em todos os estudos analisados a quantidade de participantes mulheres foi maior sendo que, em um estudo descritivo sobre a violência obstétrica na formação acadêmica de enfermeiros obstétricos a porcentagem feminina chegou a 90% dos participantes (Silva, T et al; 2020).

Esse aspecto pode influenciar as respostas nos estudos acerca da VO, a partir de experiências pessoais das mulheres ou mesmo por se sentirem mais vulneráveis a essa situação.

Corroborando essa conclusão, por meio dos resultados de um estudo quase experimental pré-pós, observou-se que quando as respostas a partir do instrumento utilizado foram comparadas por gênero, houveram diferenças significativas, que revelaram uma maior percepção feminina em todas elas (Mena-Tudela, D et al ; 2020).

Outro ponto a ser destacado como comum é a idade jovem da população estudada. Em um estudo descritivo exploratório sobre o conhecimento de estudantes de enfermagem acerca da VO a idade média foi de 21,7 anos, chegando a 24 em outro estudo também descritivo (Ramos, T et al; 2020; Silva, T et al; 2020).

Um ponto interessante que foi observado é que a enfermagem esteve presente com a maior participação nos estudos analisados que envolviam as ciências da saúde. O que revela seu maior engajamento e interesse pelo tema.

Somado a esse cenário, em um estudo transversal, constatou-se que os alunos de enfermagem e obstetrícia demonstraram ter um conhecimento mais alto de VO para quase todos os itens, dimensões e pontuação geral do questionário quando comparados aos cursos de medicina e psicologia. E a partir desse mesmo estudo, outro ponto importante observado relacionado a isso foi que, quanto maior o avanço no curso para a enfermagem, maior a percepção da VO, o que mostrou-se contrário no curso de medicina, em que quanto mais tardio o ano letivo, menos percepção se tinha entre os estudantes (Mena-Tudela, D et al; 2022).

Uma das explicações seria porque a ciência da enfermagem baseia-se na abordagem da salutogênese, a qual foi proposta por Aaron Antonovsky e que foca no processo de saúde e compreensão de como se manter sadio após experiências adversas, a partir do desenvolvimento

peçoal e social para fortalecer a saúde nos mais diferentes cenários (Girondoli, 2021). Enquanto a medicina é voltada para uma formação baseada na medicalização (Hopkins et al., 2018;).

Um estudo revelou que o maior percentual de estudantes que relataram ter presenciado alguma situação de VO foi do quarto ano de curso, o que está relacionado ao maior contato com a prática hospitalar (Ramos et al; 2020;). Assim como outro estudo, que concluiu que os alunos que haviam participado de estágios em serviços de ginecologia-obstetrícia e acompanhado partos, foram mais preparados para perceber a VO do que os que não haviam participado de prática hospitalar (Mena-Tudela, D et al; 2020).

Esse cenário revela, portanto, que quanto maior contato com a prática hospitalar, maior será a possibilidade de entrar em contato com a VO.

Um estudo descreve que as mulheres em trabalho de parto estão continuamente expostas a procedimentos considerados de rotina, protocolizados, mas que não são eficazes e, também, eventualmente prejudiciais como depilação perianal, enemas, fluidos intravenosos, amniotomia. Nessa mesma pesquisa, revelou-se uma compreensão significativamente menor para o domínio da VO visível-protocolizada (Mena -Tudela, D et al; 2020). Assim como em outro estudo, os alunos, também, demonstraram ter pouca percepção acerca da VO disfarçada de procedimentos protocolizados (Mena-Tudela, D et al; 2022).

Esses dados nos revelam um cenário de normalização, em que alunos de ciências da saúde, em sua maioria da enfermagem, não conseguem reconhecer de forma satisfatória a VO em procedimentos protocolizados nas unidades de saúde e nos que acontecem antes mesmo da intervenção no processo fisiológico em si, ou seja, existem dimensões da VO que estão revestidas de “legalidade”, o que a normaliza, prejudica a sua prevenção e combate.

É interessante notar que apesar de serem as que sofrem a VO, as participantes de um determinado estudo que experienciaram gestações e partos pontuaram menos do que as que não tiveram experiências pessoais nesse sentido quando questionadas acerca da VO (Mena-Tudela, D et al 2020). Esse dado revela que a normalização parece estar presente ainda mais forte nas parturientes, ou seja, nas que passam ou passarão pela VO.

Diante disso, tem-se outra questão, a violência de gênero e relação de poder em detrimento da autonomia da mulher.

Conforme um estudo de teoria fundamentada construtivista, segundo a experiência das próprias participantes, a violência sistemática de gênero está presente no ambiente hospitalar,

exemplificada por abuso verbal e físico que sofreram e, elas relacionaram esse cenário ao sistema patriarcal vigente e a relação de poder presente. Isso coloca a posição do profissional em maior destaque e invalida o que a mulher deseja, simplesmente por seu gênero (Mena-Tudela, D et al; 2023).

Sendo assim, podemos considerar que os estudantes percebem a VO como uma violência de gênero, que ocorre por meio de uma relação de poder enraizada por uma sociedade patriarcal. Uma vez que a mulher não aceita as intervenções propostas durante o seu próprio processo fisiológico de parto, elas sofrem uma pressão significativa sobre suas escolhas e mesmo quando estavam alinhadas com os clínicos, são relatadas uma série de intromissões, que ocorrem de forma negativa, o que faz as experiências ruins acontecerem de forma velada (Jenkinson, B; Kruske, S; Kildea, S; 2017)

No mesmo estudo os participantes relataram que a VO impacta no âmbito físico, psicológico, e social das mulheres e indicaram que estas podem ter um pós-parto difícil e recusarem-se a ter outro filho, o que se chama de infertilidade secundária, pelo medo de passar pelas experiências ruins da VO novamente (Mena-Tudela, D et al; 2023).

Existem 7 categorias de desrespeito e abuso, baseadas na violação dos princípios éticos e de direitos humanos, presentes no parto como abuso físico, cuidado não consentido, não confidencial, não digno e discriminação com base em atributos específicos do paciente (Bowser, D; Hill, K; 2010).

Para que haja a prevenção e combate à VO, uma das estratégias mais apontadas pela literatura como forma de combate a VO é a educação e formação dos futuros profissionais, que inclua a conscientização dos direitos das mulheres e um tratamento assistencial humanizado. Nesse sentido, uma transformação concreta pede que haja uma educação fundamentada em direitos sobre cuidados maternos com respeito e na prevenção de violência durante o parto (Tello, F; 2016).

Por meio do conhecimento é possível construir um ambiente de reflexão, integralidade e compromisso com a saúde, estendendo-se à população mais vulnerável. Diante disso, faz-se necessário o desenvolvimento de projetos de pesquisa com métodos mais avançados que baseiem melhores práticas hospitalares, e diretrizes baseadas em evidências (Silva, TM et al; 2020).

Um estudo revelou que estudantes de enfermagem de uma instituição pública demonstraram um contato relevante com tema da VO e a fonte mais citada foi a universidade, na frente do que redes sociais e a família, por exemplo (Ramos et al; 2020).

As redes sociais são também uma importante ferramenta que pode alcançar muitos jovens e acadêmicos. Uma vez que o contexto latino americano é um dos mais conectados à internet, esta pode vir a ser uma grande aliada na criação de projetos voltados para a promoção da saúde, desenvolvendo suas habilidades individuais e comunitárias (Garbin, H; Guilam, M; Neto, A; 2012)

Algumas outras estratégias apontadas são estratégias interpessoais e globais como treinamento contínuo dos profissionais, educação nas escolas primárias e secundárias, ações por parte do governo, e os formuladores de políticas (Mena-Tudela, D et al; 2023).

De forma mais específica, o perfil de um enfermeiro obstétrico deve ser de coadjuvante diante do protagonismo da mulher, que deve ser o foco principal, demonstrando ética profissional, empatia e dignidade humana. Nesse sentido, a atuação desse especialista deve ter como objetivo orientar a gestante, conceder-lhes o conhecimento dos procedimentos que poderão ser feitos, e seus direitos nesse cenário. Além disso, é necessário que haja por meio desse profissional o fortalecimento no modelo assistencial, evitando complicações futuras por meio de uma assistência precoce (Silva, T et al; 2020).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os estudantes de enfermagem possuem uma certa percepção acerca da violência obstétrica, e por ser composta em sua maioria por mulheres, considera-se que esse aspecto influencie para uma percepção mais elevada por parte de experiências próprias ou mesmo por se sentirem vulneráveis. Identificou-se que os estudantes de enfermagem são jovens, o que revela um contexto de pouco contato intra-hospitalar com a violência obstétrica, influenciando em sua percepção.

Observou-se que mesmos nos estudos que envolviam acadêmicos de saúde no geral, os estudantes de enfermagem eram a maioria, além de terem o nível de conhecimento mais alto. Os acadêmicos de níveis mais avançados no curso e que estiveram em mais práticas hospitalares, especialmente em serviços de ginecologia-obstetrícia, possuem um conhecimento maior de VO em relação aos que não tinham essas experiências.

Considerou-se, também, que os estudantes de enfermagem não possuem conhecimento suficiente para identificar como VO, procedimentos que se configuram como violência obstétrica e são protocolizados pelas instituições, ou seja, ocorre uma normalização.

Um aspecto importante encontrado foi que as estudantes que haviam passado por gestações e partos demonstraram saber muito menos sobre violência obstétrica do que as mulheres que não tiveram gestações, revelando a normalização da VO principalmente entre as parturientes.

Identificou-se que os acadêmicos de enfermagem percebem a VO como violência de gênero, fundamentada por uma sociedade patriarcal e relação de poder em detrimento da mulher.

O conhecimento obtido por meio de pesquisas com métodos mais avançados e diretrizes baseadas em evidências e maior aprofundamento sobre a VO na formação acadêmica é o cenário ideal para formar enfermeiros conscientes de seu papel na prevenção e combate contra a violência obstétrica.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. Lei nº 4.848, de 5 de junho de 2019. Dispõe sobre a implantação de medidas contra a violência obstétrica nas redes pública e particular de saúde do Estado do Amazonas. Amazonas: Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, 2019. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/10483/4848.pdf>.

BONIOL, M et al. Equidade de gênero na força de trabalho em saúde: análise de 104 países. In: Documento de trabalho, 2019.

BOWSER D, HILL K. Exploring evidence for disrespect and abuse in facility-based childbirth: report of a landscape analysis. **Bethesda: Harvard School of Public Health;** 2010. Acesso em fev. 2023. Disponível em : https://cdn2.sph.harvard.edu/wp-content/uploads/sites/32/2014/05/Exploring-Evidence-RMC_Bowser_rep_2010.pdf

BRASIL. Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei no 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde-SUS. **Diário Oficial da União** [Internet], Brasília, 8 de abril de 2005. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm.

CIELLO C., *et al.* Dossiê da Violência Obstétrica “Parirás com dor”. **Parto do princípio. Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa.** Acesso em 28 fev. 2023. Disponível em : <http://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>

Disponível em: <https://www-sciencedirect.ez2.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/S113086212300044X>. Acesso em: 30 julho 2023.

FERREIRA, M S F; GONÇALVES, E. “Parirás com Dor” : a violência obstétrica revisitada. **Revista Sociedade e Cultura**. vol.23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/60230/35735>. Acesso em: 20 nov 2024.

FIOCRUZ. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, 2023. Violência Obstétrica: Conceitos e evidências. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/violencia-obstetrica-conceitos-e-evidencias/>. Acesso em: 19 nov 2024

GARBIN, H; GUILAM, M; NETO, A; Internet na promoção de saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 22, p. 347-363, 2012. Disponível em: scielo.br/j/physis/a/YkMhNnj5m86mQ5QXtNsNdCs/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 09 agosto 2023.

GARCÍA D., DÍAZ Z., & ACOSTA M. El nacimiento en Cuba: análisis de la experiencia del parto medicalizado desde una perspectiva antropológica. **Revista Cubana de Salud Pública**, vol.39, no. 4, p. 718-732, set-dez, 2013. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/csc/a/ZNgf88gftqt6ftj5tG3Mpbb/abstract/?lang=es>.

GIRONDOLI, Y. Salutogênese: Você sabe o que é? CASS Coordenadoria de Atenção à Saúde do Servidor. Instituto Federal do Espírito Santo. 2021. Disponível em: <https://prodi.ifes.edu.br/images/stories/SALUTOG%C3%8ANESE.pdf>. Acesso em: 30 julho 2023.

GOMES, A A P; *et al.* O saber de estudantes da área da saúde sobre violência obstétrica: Revisão Integrativa. **Revista Nursing**, vol.25, n.292. 2022. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2727/3307>. Acesso em : 20 nov 2024.

HOPKINS, L et al. Direto ao ponto: educação médica, tecnologia e o aluno da geração do milênio. *Sou. J. Obstet. Gynecol.* Vol. 218, p. 188-192. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2017.06.001>. Acesso em: 30 julho 2023.

JARDIM D, MODENA C. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 2018; 26; 3069. Acesso em 01 jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/rMwtPwWKQbVSszWSjHh45Vq/?lang=pt>.

JENKINSON, B; KRUSKE, S; KILDEA, S; As experiências de mulheres, parteiras e obstetras quando as mulheres recusam os cuidados de maternidade recomendados: uma análise temática feminista/ The experiences of women, midwives and obstetricians when women decline recommended maternity care: A feminist thematic analysis. **Midwifery**. Vol. 52, p.1-10, 2017. Disponível em: [https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0266-6138\(17\)30350-9](https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0266-6138(17)30350-9). Acesso em : 09 agosto 2023.

Ley Organica sobre el derecho de las mujeres a una vida libre de violencia. Caracas: Assembleia Nacional da República Bolivariana da Venezuela, 2007. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em : https://venezuela.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Ley_mujer%20%281%29_0.pdf.

MENA-TUDELA D. M. *et al.* Perception of obstetric violence in a sample of Spanish health sciences students: A cross-sectional study. **Nurse Education Today**. 110, 2022. Acesso em : 16 jun. 2023. Disponível em : <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35051872/>.

MENA-TUDELA, D et al. Percepcion. Perception of health sciences and feminist medical students about obstetric violence. **Nurse Education Today**. 2020. Vol. 88, p. 104-364.

RAMOS, T et al. Nursing students ‘ knowledge about obstetric violence. *ABCS Ciências da Saúde*. 2020. Vol.47. Disponível em: <https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/yeyr4>. Acesso em: 30 julho 2023.

SILVA, T et al. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. **Acta Paul Enferm.** 2020; vol.33, p.1-8. Disponível em: <https://acta-ape.org/article-section/artigo-original/>. Acesso em : 30 julho 2023.

SOBRINHO J. D. Responsabilidade social da Universidade em questão. Avaliação (Campinas) v. 23, n. 3. Sep-Dec 2018. Acesso em 16 jun. 2023. Disponível em : <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300001>.

TESSER C. D., *et al.* Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, Vol. 10, no. 35, p. 1-12, 2015. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf.

TRAJANO, A R; BARRETO, E A. Violência Obstétrica na visão de profissionais de saúde: a questão de gênero como definidora da assistência ao parto. **Interface (Botucatu)**. vol.25, 2021. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/icse/a/PDnDR5XtNdJy47fkKRW6qcw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 19 nov 2024.

ZANARDO, G. L. P., CALDERÓN, M., NADAL, A. H. R., & HABIGZANG, L. F. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia e Sociedade**, vol. 29, 2017. Acesso em 27 fev. 2023. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/abstract/?lang=pt>